

POETA SIMBOLISTA/ABOLICIONISTA: UMA PAUTA EMERGENTE NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES ETNICORACIAIS NO ÂMBITO ESCOLAR

Adão Fernandes Lopes ¹
Denise Dias de Carvalho Sousa ²

RESUMO

O artigo intitulado *Poeta simbolista/abolicionista: uma pauta emergente no contexto das relações étnico-raciais* é resultado dos estudos efetuados no componente curricular “Literatura Afro-brasileira” no curso de Doutorado em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia no semestre 2023.1. Discute um aspecto importante da trajetória do poeta literário do simbolismo João da Cruz e Sousa, visando contextualizar o percurso de carreira inicial do escritor do jornal abolicionista na cidade de Desterro no sul do Brasil. Abordamos a participação do poeta na poesia abolicionista, na segunda metade do século XIX, destacando a sua participação no combate ao racismo, à discriminação e à exclusão social. Utilizamos a pesquisa bibliográfica para adiante fazermos uma breve análise de três poesias. A poesia de Cruz e Souza cumpre seu papel ora denunciando ora escrevendo, a fim de corrigir as injustiças escravagistas de um período. É um dispositivo para a construção de uma sociedade antirracista, que privilegia o ambiente escolar como um espaço fundamental no combate ao racismo e à discriminação racial.

Palavras-chave: Denúncias poéticas, Literatura afro-brasileira, Poeta abolicionista Racismo, Relações étnico-raciais.

Apontamentos introdutórios...

Percebemos que durante muito tempo a temática acerca do movimento escravocrata esteve fora de cena da literatura brasileira. Dessa forma, destacamos a importância de revisitar e reavaliar a literatura brasileira do século XIX, considerando a escravidão como um tema central e relevante para a compreensão da história e da cultura do Brasil, dando visibilidade a obras e autores/as que abordam esse tema, mas que foram marginalizadas ou esquecidas ao longo do tempo.

Muitos foram os/as autores/as negros/as que, com inúmeros esforços, escreveram e publicaram poemas, peças teatrais, contos, testemunhos e romances que denunciaram os horrores, os dramas, os dilemas e os paradoxos de uma monarquia ocidental escravista em pleno século XIX, mas, tanto antes quanto depois da abolição, essas obras foram,

¹ Doutorando no programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), integrante do grupo de pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do(a) Leitor(a) (LEFOR).

afelopes@yahoo.com.br;

² Professora orientadora: Docente na UNEB/Campus IV na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED). Coordenadora do grupo de pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do(a) Leitor(a) (LEFOR). E-mail: dsousa@uneb.br



sistematicamente, esquecidas, invisibilizadas e desconsideradas pelo cânone da Literatura Brasileira. Neste contexto, evidenciamos, neste artigo, um breve estudo de três poesias abolicionistas de Cruz e Sousa, haja vista que o poeta possui uma relevante participação na denúncia da escravidão no Brasil, na segunda metade do século XIX, destacando-se no combate ao racismo, à exclusão social, à pobreza e ao preconceito racial, sobretudo, na poesia abolicionista.

Muito embora tenha sido acusado de se omitir quanto a questões referentes à condição negra, a acusação não procede, pois, apesar de a poesia social não fazer parte do projeto poético do simbolismo nem de seu projeto particular, o autor, em alguns poemas, como *Livre, Crianças Negras e os Escravocratas*, retratou, metaforicamente, a condição do escravo. O poeta, ao escrever seus poemas e suas poesias, tece/destece duras críticas sobre as mazelas sofridas por negros/negras que viviam sobre a égide do sistema escravocrata brasileiro. O Dante negro, como era conhecido, advoga e evidencia o seu engajamento na defesa da causa abolicionista, fim das atrocidades pelas quais passavam os negros, engajando-se pela liberdade e pelo fim da escravização.

A saber, Cruz e Sousa militou, sim, contra a escravidão, tanto da forma mais corriqueira, fundando jornais e proferindo palestras, por exemplo, participando, curiosamente, da campanha antiescravagista promovida pela sociedade carnavalesca *Diabo a Quatro*, quanto nos seus textos abolicionistas, demonstrando desgosto com a condução do movimento pela família imperial. Vale salientar que Cruz e Sousa foi um poeta injustiçado em seu tempo, pois sua obra foi reconhecida apenas, postumamente, depois que o sociólogo francês Roger Bastide o colocou entre os principais escritores do Simbolismo universal.

É notório que durante muitos anos, suas obras foram subestimadas, ignoradas ou esquecidas. Obras diversas, aliás, múltiplas e cujo estudo possibilita pensar uma evolução literária na poesia e um recorte do cotidiano, eventualmente, insonso, triste, desiludido, inquieto, reflexivo. Mas, também, alguns dos interstícios do processo histórico do quais os textos retratarão, de certo modo, respostas, tentativas de inferir valor e significação. Portanto, destacamos, neste trabalho, a presença de temática abolicionista em obras de Cruz e Sousa, quando este ainda vivia em Desterro. Podemos dizer que ele foi uma espécie de porta voz da coletividade negra, apesar de sua militância ter sido reconhecida muito anos depois. Ressaltamos, ainda, que os trabalhos que (re)conhecem o importante papel de Cruz e Souza para a literatura Afro-brasileira são bastante escassos



frente à relevância desse autor para a literatura brasileira e para a história abolicionista do Brasil. Logo, neste viés, este artigo cumpre em parte, este papel.

Trazemos à baila esta discussão haja vista a escassez de pesquisas e materiais pedagógicos que versam sobre o legado deixado pelo povo preto e que, portanto, devem ser contextualizados na perspectiva das relações étnico-raciais, destacando-se a relevância do autor não apenas para a literatura afro-brasileira, mas para entendermos como tais denúncias poéticas e ponderações reflexivas podem ser atualizadas, rediscutidas e ressignificadas no âmbito das escolas de educação básica e universidades.

Dessa forma, o que dizer a mais da obra de Cruz e Sousa? Roteá-la com palavras enfeitadas por um universo poético impregnado pela fremente volubilidade da esperança e pela turbção prospectiva seria uma boa alternativa? Embrenhamos, portanto, neste estudo, na ânsia de conhecer mais acerca desse poeta, suas nuances, idiossincrasias e atravessamentos, que acentuam a sua crítica aos costumes, ao racismo e à exclusão social, bem como sua face abolicionista e antimonárquica, em defesa da abolição da escravatura e da implantação do regime republicano.

Um poeta abolicionista: características, contexto e atravessamentos

Antes de ressaltarmos as características que tanto nortearam a trajetória poética desse autor, devemos nos ater ao contexto histórico-social então vigente. O final do século XIX foi demarcado pela segunda fase da Revolução Industrial, pelo surgimento de novas formas de organização capitalista de produção e pelo grande avanço técnico e científico, principalmente, pela propagação das correntes filosóficas, como Positivismo, Evolucionismo e Determinismo.

Mais preocupados em exprimir a sua visão pessoal acerca dos textos literários ou em explicar os supostos fundamentos etnológicos e mesológicos da sua poesia, os críticos do final do século XIX e primeiras décadas do século XX não tomaram o significado social ou histórico da obra de Cruz e Sousa como um critério relevante de valorização ou um problema a ser exaustivamente destacado. Nesse contexto, a questão do compromisso individual do escritor com a abolição ou da aparente ausência de uma condenação explícita da escravidão passava como um assunto marginal, secundário no esforço de apreciação crítica da sua produção. Assim, um dos estudos precursores a mencionar a relação de Cruz e Sousa com o movimento abolicionista apareceu na primeira edição das suas Obras Completas. Para Víctor (1923), na sua “Introdução”, um ensaio



biobibliográfico de mais de cinquenta páginas, baseava-se não só nas suas próprias memórias, mas, também, nos testemunhos de outro companheiro do escritor homenageado e amigo de juventude chamado de Virgílio Várzea, um esforço de visibilizar sua participação efetiva na causa abolicionista.

Por meio dos jornais, do teatro e da literatura, os mencionados jovens tentaram se inserir no ambiente sociocultural de Desterro. Projetavam-se como portadores de uma consciência crítica da realidade com base nos postulados da modernidade, do progresso e da racionalidade. Influenciados pelos ideários que, no Brasil, aportaram a partir da segunda metade do século XIX, do qual faziam parte o liberalismo, o evolucionismo, o positivismo e suas concepções literárias, tentaram, por seus esforços, buscar a mobilidade social e promover/provocar mudanças na produção literária local.

No início de 1888, coincidentemente no mesmo ano em que foi decretada a Abolição, demonstrando certo cansaço e sem muitas perspectivas de realização de seus objetivos em Desterro, Cruz e Sousa resolveu partir para o Rio de Janeiro, onde já estavam seus amigos dos tempos do Ateneu Provincial. Contudo, vale lembrar que os anos que se seguiram após ser decretado o fim do trabalho escravo foram marcados pelo fortalecimento do discurso racial, que contribuiu para um recrudescimento das relações.

Assumindo uma postura simpática a Cruz e Sousa, Andrade Muricy em “Obras Poéticas” iniciou a “defesa” do poeta já nas primeiras páginas do livro. Numa síntese biográfica, abre o primeiro volume da antologia em que endossava as afirmações de Vergílio Várzea e Nestor Victor, reafirmando a participação de Cruz e Sousa no movimento abolicionista desterrense. Um argumento que, aliás, Muricy defendia, partindo de uma imprecisão fatural. No caso, a crença de que Cruz e Sousa houvesse nascido sob cativeiro, aliás, uma confusão bastante difundida entre os estudiosos na época. A saber, Cruz e Sousa nasceu no dia 24 de novembro de 1861, em Florianópolis, SC. Filho de escravizados, foi apadrinhado por uma família aristocrática que financiou seus estudos. Com a morte do protetor, abandonou os estudos e passou a colaborar com a imprensa catarinense, assinando crônicas abolicionistas e participando de campanhas em favor da causa negra. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1890, onde desempenhou várias funções, ao mesmo tempo em que se dedicava à literatura.

O poeta faleceu aos 36 anos, vítima de tuberculose, no dia 19 de março de 1898, em Antônio Carlos, município de Minas Gerais. Entretanto, com o passar do tempo, o artista, presenciando o enfraquecimento de todo esse poder, sentindo-se à margem dos acontecimentos, resolve novamente se refugiar num clima de insatisfação, dando vazão à



melancolia e ao tédio, como formas de escapar da própria realidade. Diferentemente dos românticos que propuseram o subjetivismo levado às últimas consequências, manifestando-se como uma espécie de transcendentalismo do próprio “eu”, foi exatamente nesse clima de hostilidade que Cruz e Sousa inaugurou a era simbolista, com suas obras *Missal* e *Broquéis*, publicadas em 1893.

E, materializando as características da época em questão e também demarcando um clima de misticismo, pelo desejo de transcendência, pela espiritualidade, somam-se às características também em que se ecoam vultos de uma notória angústia, de um extremo pessimismo e de um evidente conflito entre a matéria e o espírito - daí o gosto pelas imagens luminosas, vagas e brancas como forma de apaziguamento das inquietudes advindas do próprio estado anímico da alma. Suas obras são caracterizadas pelo pessimismo, visão sombria e negativa da realidade; opunha-se à racionalidade e ao pensamento científico, incapazes de revelar a essência das coisas; empregou-se a sinestesia, isto é, associação de dois ou mais dos cinco sentidos humanos. Sua poesia perpassou pela existência de um mundo ideal, que não pode ser alcançado por meio da razão, mas dos sentidos, desse modo, preocupava-se mais com o plano das essências.

Assim, faz-se oportuno trazer à baila algumas nuances da poética de Cruz Sousa que tece e destece um horizonte que se torna reconfigurado como sujeito poético que faz e se refaz fazendo emergir uma rumorosa curva do ser e da aliança com o mundo numa rede de contágios que logra a captação do solipsismo³, dos estéreis cansaços e dos desencantos que, todavia, não deixam de assomar no corpo textual, até porque como afirma Manuel Gusmão (2010, p. 13) “a poesia é o que põe a contradição em linha, ou seja, dispõe e obriga à linha os termos da contradição”. De um lado a liberdade do outro a escravidão? Para Souza (2012), a dissertação de Espíndola (2006) é uma das pesquisas acadêmicas mais potentes, que busca analisar a trajetória de Cruz e Sousa por trazer uma releitura da experiência de vida do escritor catarinense, estabelecendo um diálogo entre a tradição biográfica e a atual produção científica sobre a história social da escravidão e do pós-abolição no Brasil. O objetivo da dissertação é apreender as contradições, as ambiguidades, as possibilidades e as limitações às tentativas de mobilidade social de um homem livre de cor, vivendo em um período marcado pelas discussões em torno do trabalho escravo e da instauração da República. Para Luiz Alberto de Souza (2012),

³ Diz-se tratar de uma doutrina segundo a qual só existem, efetivamente, o eu e suas sensações, sendo os outros entes (seres humanos e objetos), como partícipes da única mente pensante, meras impressões sem existência própria.



relendo “um emparedado na ‘torre de marfim’? os temas da escravidão e do abolicionismo na fortuna crítica de João da Cruz e Sousa” nos diz que objeto de uma crítica impressionista ou sociológica de viés naturalista, as primeiras décadas da fortuna crítica de Cruz e Sousa, poucos se interessaram pelo conteúdo político da sua obra.

Não obstante, os versos do Dante [Negro trazem materialidade social numa busca interminável, porquanto da ordem do desejo, e que surge inseparável do trabalho da linguagem, de versos que coligem os arremedos, em fresta, da constância do seu peregrinar, meneado no âmago, conferindo a direção da confiança, o interior ardor do alento de forma que as obras Missal e Broquéis inauguram no Brasil o Simbolismo, defendendo a presença da emoção e da subjetividade humana na arte, muito embora suas publicações para os jornais estavam, muitas vezes, pautadas no tema do racismo e do preconceito racial. Dentre as características do Simbolismo que mais aparecem em suas obras estão os temas individualistas, musicalidade e espiritualidade, além de temas associados ao abolicionismo. E, na travessia que estua por entre os sulcos da vida, o poeta reúne, num mapa interior unitário, os brotos e os frutos, a solidão e os enlances, a voz que percorre o mundo e o frêmito do seu silêncio.

Breve análise de excertos poéticos de Cruz e Souza

Antes de iniciar um diálogo com alguns excertos poéticos dos poemas “*Livre, Crianças Negras e Escravocratas*”, de Cruz e Souza, far-se-á um panorama breve sobre a linguagem simbolista por ser caracterizada como abstrata e sugestiva, atribuindo um certo misticismo e religiosidade às obras. A musicalidade, por exemplo, apresenta-se nos textos poéticos aproximando a poesia da música, dando ênfase aos fonemas e trabalhando com as sinestesias. Há também uma predisposição para a formação de imagens através das palavras em que o poeta brinca com elas a partir da significação no contexto em que estão inseridas. Ademais, remetem-se ao Simbolismo, relacionando-o ao signo icônico, semiótico e pensamentos suscitados através das imagens.

No plano temático, apresenta características relacionadas à morte, à transcendência espiritual, à integração cósmica, ao mistério, ao sagrado, ao conflito entre matéria e espírito, à escravidão, atenção especial por brilhos e pela cor branca, à angústia e à sublimação sexual. No plano formal, nas sinestesias, tem-se imagens surpreendentes, sonoridades das palavras que expressam desejos sem falar da predominância de substantivos e o uso frequente de letras maiúsculas, com a finalidade de dar um valor



absoluto a certos termos. Portanto, Cruz e Souza, sendo um homem livre de cor e letrado, viveu durante o período de vigência da escravidão e assim continuou sendo no pós-abolição. Para ele, que trazia as marcas do passado escravista, não era possível exercer seus direitos de cidadão sem ser lembrado de sua origem preta e sua condição social. Convivia um drama pessoal e racista, expressando um sentimento de opressão e um profundo desejo de fugir da realidade, como podemos notar nos versos⁴ “Desejos, vibrações, ânsias, alentos. Fulvas vitórias, triunfamentos acres”. Portanto, uma das coordenadas mais impressionantes das suas obras, para lá da profusão de registros e estruturas, quer fônicas quer rítmicas, assim como da organicidade macroestrutural dos poemas, faz com que tenhamos o prazer de (re)ler, pensar e refletir.

A saber, Cruz e Sousa foi criado em ambiente cristão por uma família branca, cuja senhora era uma pessoa boa, que lhe dera toda a educação que podia. Para o poeta, os princípios cristãos, vistos do ponto de vista dessa família, que alforriara seus pais, não compatibilizava com as atrocidades cometidas contra os escravos, conforme demonstram os versos a seguir: *“O basta gigantesco, imenso, extraordinário - Da branca consciência - o rutilo sacrário. No tímpano do ouvido - audaz me não soar. Eu quero em rude verso altivo adamastórico, Vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico, Castrar-vos como um touro - ouvindo-vos urrar!”*

Para tanto, a sua consciência também girava em torno da dor de ser negro, da dor de ser homem, uma poesia com investigação filosófica e com a angústia metafísica, como se nota na estrofe: *“Flores negras do tédio e flores vagos. De amores vãos, tantálicos, doentios... Fundas vermelhidões de velhas chagas. Em sangue, abertas, escorrendo em rios”*. A saber, a condição da vida escrava era desumana, pois a forma precária em que viviam os escravizados, vestiam trapos e trabalhavam em excesso. Trazidos da África para trabalhar na lavoura, na mineração e no trabalho doméstico, os escravos eram alojados em galpões úmidos e sem condições de higiene; não eram vistos como seres humanos.

O poeta chama ,também, atenção para a incompatibilidade existente entre a permanência da escravidão ao lado de um discurso de modernização propagado pela elite local na cidade de Desterro. Para ele, vozes ecoam na tentativa de denúncia ao fim do trabalho escravo, sendo um importante passo para a igualdade de direitos, notadamente nos trechos do soneto: *“Livre! Ser livre da matéria escrava, arrancar os grilhões que nos*

⁴ A partir daqui os versos analisados estarão em itálico para melhor evidenciá-los.



flagelam e livre penetrar nos Dons que selam a alma e lhe emprestam toda a etérea lava. Livre! bem livre para andar mais puro mais junto à Natureza e mais seguro do seu Amor, de todas as justiças". Isto se reflete num discurso racista-cientificista que legitimava e negava a contribuição africana ao Brasil e a própria existência dos afro-brasileiros. Os afro-brasileiros pobres, doentes e incultos por terem sido explorados por 350 anos e, então, libertados sem nenhuma ajuda financeira ou plano de inserção social continuaram excluídos e sem direitos à cidadania.

Em outra poesia intitulada *Crianças Negras*, os versos demonstram a visão de como se vivia numa sociedade corrupta, racista e excludente: "*Para cantar a angústia das crianças! não das crianças de cor de oiro e rosa, mas dessas que o vergel das esperanças/viram secar, na idade luminosa. Das crianças vergônteas dos escravos desamparadas, sobre o caos, à toa/e a cujo pranto, de mil peitos bravos, a harpa das emoções palpita e soa*". O resultado disso foi/é um legado de desigualdade social, exclusão e violência na sociedade brasileira.

Para tanto, Cruz e Sousa advoga e evidencia o seu engajamento na defesa da causa abolicionista, fim das atrocidades pelas quais passavam os negros; engajamento pela liberdade e pelo fim da escravização como sinalizam os versos: "*As pequeninas, tristes criaturas ei-las, caminham por desertos vagos, sob o agulhão de todas as torturas, na sede atroz de todos os afagos. Vai, coração! na imensa cordilheira; da Dor, florindo como um loiro fruto; partindo toda a horrível gargalheira; da chorosa falange cor do luto*". Assim, salienta as dores da escravidão em que se percebia um regime de trabalho no qual homens e mulheres eram forçados a executar tarefas sem receber qualquer tipo de remuneração. Além disso, as pessoas escravizadas tinham suas liberdades cerceadas, além de serem consideradas propriedades de seus senhores, podendo ser vendidas ou trocadas como mercadorias como se segue na demonstração dos versos da poesia *Escravocratas*.

Na poesia *Escravocratas*,⁵ ressalta-se a impressionante força melódica jorrada com furor na cara dos senhores brancos escravocratas do século XIX. É o próprio Cruz e Sousa que está ali, gritando sem subterfúgio, lançando a ira dos poetas de face exposta, fazendo da poesia uma arma cortante. *Oh! transfugas do bem que sob o manto régio.*

⁵ O Livro derradeiro. In: Poesia completa, p. 201). <http://www.lettras.ufmg.br/literaafro/autores/11-textos-dos-autores/692-cruz-e-sousa-escravocratas>. Acesso em 20 de jun. 2022.



Manhosos, agachados - bem como um crocodilo, viveis sensualmente à luz dum privilégio. Na pose bestial dum cágado tranqüilo. Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas. Ardentes do olhar - formando uma vergasta. Dos raios mil do sol, das iras dos poetas, e vibro-vos à espinha - enquanto a grande basta. O regime de escravidão no Brasil impunha ao africano (e ao indígena também) um regime de trabalho exaustivo e desumano, sem falar que os escravos eram mantidos em condições precárias, muitas vezes mal alimentados e vítimas dos mais variados tipos de violência.

E, em: *“As crianças negras, vermes da matéria, colhidas do suplicio a estranha rede, arranca-as do presídio da miséria e com teu sangue mata-lhes a sede”!* A interjeição de clamor sustenta a indignação até o fim, com a evocação da lâmina poética que castraria e faria urrar os algozes do negro. Ainda no primeiro verso, os senhores são considerados cristãos malsucedidos, “trânsfugas do bem”. Nesse sentido, os escravocratas eram homens desviados da fé. A figura deles é ridicularizada no poema, num riso nervoso, cuja musicalidade é vertiginosa, dionisiaca. Na última estrofe, o poeta se agiganta após exigir o “grande basta”. Ele quer estar à altura de Camões, quer ser o próprio Adamastor dos versos, quer as tormentas para devolver as mil e uma chibatadas aos escravocratas.

Além disso, evoca a erudição de grandes escritores, quer mostrar que é um grande poeta, que está à altura de qualquer senhor escravocrata e reivindica o direito comum. *“Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas/ ardentes do olhar.”* Ele ri como um deus que já não suporta mais a presença do escravagista e quer castrá-lo para ouvir um grito de dor, dor que o próprio poeta havia sofrido e cantado tantas vezes. O riso é muito presente nos poemas de Cruz e Sousa, assim como o grito, o clamor. No entanto, muitas vezes o que se ouve como gargalhada é sarcasmo, claro. Não há felicidade possível nos versos do poeta negro catarinense.

Percebemos ainda que a poesia simbolista de Cruz e Sousa seria/é capaz de, por meio de elementos sugestivos, fazer com que o leitor tenha contato com um plano superior. O poeta valoriza a estrutura do poema e privilegia o rigor formal, isto é, o uso de versos regulares, musicalidade e sensações. O uso de reticências propicia um caráter indefinido e a maiúscula alegorizante, isto é, palavra com inicial maiúscula assume um aspecto simbólico. Além disso, sua poesia possui elementos autorais específicos, como a profundidade filosófica associada a uma angústia metafísica, a morbidez e a presença recorrente da cor branca.

Perspectivas para pensar as relações étnico-raciais no âmbito escolar



Nas formas individuais e coletivas, em senzalas, quilombos, terreiros, irmandades, a identidade do povo negro foi assegurada como patrimônio da educação dos afro-brasileiros. Apesar das precárias condições de sobrevivência que a população negra enfrentou e ainda enfrenta, a relação com a ancestralidade e a religiosidade africanas e com os valores nelas representados, assim como a reprodução de um senso de coletividade, por exemplo, possibilitaram a dinamicidade da cultura e do processo de resistência das diversas comunidades afro-brasileiras.

No tocante ao tema da escravidão que pouco aparece como tema principal na literatura canônica brasileira, várias poesias ainda produzidas na cidade de desterro, ativamente publicadas em jornais da época, problematizaram a escravidão, as questões sociorraciais. Essas poesias e poemas “satíricos”, entretanto, muitos dos quais alcançaram sucesso ou foram alvo de fortes polêmicas em sua época, não foram canonizadas e gradualmente foram esquecidas, apesar de tratar de um tema polêmico em sua época e tão valioso enquanto registro expressivo de atitudes racistas.

Nesse espectro, de forma objetiva ou subjetiva, a educação apresenta preocupações que vão do material didático-pedagógico à formação de professores. O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos(as) alunos(as) uma pretensa superioridade branca da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização racial da história da escravidão no Brasil.

Cabe, portanto, ligar essas experiências ao cotidiano escolar. Torná-las reconhecidas por todos os atores envolvidos com o processo de educação no Brasil, em especial professores/as e alunos(as). De outro modo, trabalhar para que as escolas brasileiras se tornem um espaço público em que haja igualdade de tratamento e oportunidades. Dessa forma, a poesia de Cruz e Souza cumpre seu papel ora denunciando ora escrevendo, a fim de corrigir as injustiças escravagistas daquele período. É um instrumento para a construção de uma sociedade antirracista, que privilegia o ambiente escolar como um espaço fundamental no combate ao racismo e à discriminação racial.



Assim, o conhecimento hegemônico necessita ser repensado para que seja possível a consolidação de uma ciência em que o corpo negro, suas raízes africanas como determinada experiência de liberdade, seja fundamentada fora de um ensino colonializador (Oliveira, 1999, p. 24). Isto é um passo inicial rumo à reparação humanitária do povo negro brasileiro, pois abre caminho para a nação brasileira adotar medidas para corrigir os danos materiais, físicos e psicológicos resultantes do racismo e de formas conexas de discriminação.

Não obstante, esperamos que as escolas possam construir Planos de Ação para a inserção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, tomando como base os seguintes princípios: socialização e visibilidade da cultura negro-africana; formação de professores com vistas à sensibilização e à construção de estratégias para melhor equacionar questões ligadas ao combate às discriminações racial e de gênero e à homofobia; construção de material didático-pedagógico que contemple a diversidade étnico-racial na escola; valorização dos diversos saberes; valorização das identidades presentes nas escolas, sem deixar de lado esse esforço nos momentos de festas e comemorações. Não é sobre folclorizar, mas sim, refletir, repensar e questionar criticamente sempre.

Outrossim, recomendamos uma leitura atenta da obra de Cruz e Sousa, analisando os detalhes, demorando-se em cada palavra, saboreando lentamente cada poema/poesia e por fim suas obras. Não precisa procurar o que está por trás delas, basta aquilo que nelas estão, o que faz delas o que elas são e representam para a literatura Afro-brasileira e para os/as leitores/as. Que suas palavras não tenham sido em vão!

Referências

ALVES, Uelinton Farias. *Cruz e Sousa: Dante negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008. Resenha de: SOUZA, Luis Alberto de. Cruz e Sousa: Dante negro do Brasil. *Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, v.23, n.1, jan./jun. 2010.

BASTIDE, Roger. Introdução, A poesia afro-brasileira; Quatro estudos sobre Cruz e Sousa. In: **A poesia afro-brasileira**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

BASTIDE, Roger. **A poesia afro-brasileira**. São Paulo: Martins. 1943.

BASTIDE, Roger. **O lugar de Cruz e Sousa no movimento simbolista**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1943.



ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. **Cruz e Sousa: Modernidade e mobilidade social nas duas últimas décadas do século XIX**. 2006. 131 f. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GUSMÃO, Manuel. **Tatuagem e Palimpsesto: da poesia em alguns poetas e poemas**. Lisboa, Assírio e Alvim, 2010.

MURICY, Andrade. Biografia. In: CRUZ E SOUSA, João da. **Obras Poéticas: Broquéis e Faróis**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. v. 1. p. VIII.

OLIVEIRA, Iolanda. **Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude**. Niterói: Intertexto, 1999.

OLIVEIRA, Elisângela Medeiros de. **Cruz e Sousa: literatura e a questão “racial” na poesia simbolista**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Caicó - RN, 2016.

<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/44339/3/Artigo-Elis%C3%A2ngela-Dep%C3%B3sito.pdf>. Acesso em 20 de jun. 2024.

PROENÇA FILHO, Domício. A participação da literatura no processo abolicionista. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, jan.-jun. 1988. p. 24-26.

SACHET, Celestino. O "inditoso Cruz e Sousa" de Silvio Romero e o "malgrado poeta negro" de José Veríssimo. **Travessia**. Florianópolis, n. 26, p. 59-72, 1993.
<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos.6/luizsouza.pdf>. Acesso em 20 de jun. 2024.

SOUZA, Luiz Alberto de. **A cor e a forma**. Dissertação: História e literatura na obra do jovem Cruz e Sousa (1861-1888), Florianópolis, SC, 2012.

SOUZA, Luís Alberto de. **Um emparedado na “Torre de Marfim”?** Os temas da escravidão e do abolicionismo na fortuna crítica de João da Cruz e Sousa.
<http://www.letras.ufmg.br/literafr/resenhas/poesia/100-cruz-e-sousa-ultimos-ineditos>. Acesso em 20 de jun. 2024.

TANUS, Gustavo. **Outras faces do poeta: prosa e poesia de Cruz e Sousa em Últimos inéditos**. <http://www.letras.ufmg.br/literafr/resenhas/poesia/100-cruz-e-sousa-ultimos-ineditos>. Acesso em 20 de jun. 2024.

VICTOR, Nestor. Introdução. In: CRUZ E SOUSA, João da. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Annuario do Brasil, 1923. p. v. 1. p. 10.

